



MANOEL ONOFRE JR.
FICCIONISTAS
POTIGUARES

— *Biografia e Crítica* —

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Carlos Lins Onofre

REVISÃO
Manoel Onofre Jr.

Natal (RN) - Julho de 2010

UMA TERRA DE FICCIONISTAS E POETAS

Há duas ou três décadas, o Rio Grande do Norte ainda era tido como uma terra de poetas. Tanto assim que fazia jus a esta famosa quadrinha popular:

*Rio Grande do Norte,
Capital Natal,
Em cada esquina um poeta,
Em cada beco um jornal.*

Ensaístas, notadamente historiadores e etnógrafos, em bom número, também compunham a fisionomia cultural do Estado. Ficcionistas?... Estes contavam-se nos dedos. De uma lista que, então, se fizesse, não poderiam deixar de constar os seguintes nomes: **LUIZ CARLOS WANDERLEY**, considerado o primeiro romancista potiguar, autor de *Mistérios de um Homem Rico*, livro, hoje, raríssimo, sobre o qual encontrei, apenas, uma breve referência ("romance de sentido regionalista") (1); **POLYCARPO FEITOSA** (pseudônimo de Antonio de Souza) e **AURÉLIO PINHEIRO**, ambos epígonos de um Realismo à Eça de Queiroz, e **JOSÉ BEZERRA GOMES**, participante do Regionalismo Nordeste de 30. Além destes - romancistas, principalmente - os

seguintes contistas, todos eles presentes na antologia *Contistas Norte-rio-grandenses*, de Nei Leandro de Castro, publicada em 1966: **AFONSO BEZERRA**, regionalista da linhagem de Afonso Arinos; **JOSÉ GONÇALVES DE MEDEIROS**, morto prematuramente, autor de uns poucos contos e ensaios; **NEWTON NAVARRO**, a que adiante irei referir-me; **HOMERO HOMEM**, **UMBERTO PEREGRINO** e **FAGUNDES DE MENEZES** - os três, exilados, voluntariamente, de sua província, mas a esta presos, por fortes laços, tanto na vida quanto nas obras -; **MANOEL ONOFRE JR.** e **TARCÍSIO GURGEL**, então estreantes. Juntem-se à relação os mossoroenses **MARTINS DE VASCONCELOS** e **JAIME HIPÓLITO DANTAS**, omitidos da referida antologia, e, ainda mais, dois ensaístas de renome, com incursões malsucedidas no campo da Ficção: **RAIMUNDO NONATO DA SILVA** e **M. RODRIGUES DE MELO**.

Pouco menos de um século medeia entre o surgimento de *Mistérios de um Homem Rico* e a publicação de *Contistas Norte-rio-grandenses*. E neste espaço de tempo surgiram, tão-somente, 16 ficcionistas no Rio Grande do Norte.

Nas últimas décadas, entretanto, esse número tem aumentado em progressão geométrica.

Ao início dos anos 1970 começaram a aparecer contistas em profusão. Era o *boom* do conto - fenômeno nacional - chegando ao Estado.

Em outubro de 1975 o Setor de Promoções Culturais na Comunidade e a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, da Fundação José Augusto, promoveram concurso de contos, que teve muitos concorrentes. Num pequeno livro intitulado *Cinco Contistas Potiguares* (FJA, 1976) foram publicados os vencedores: **CLOTILDE TAVARES**, **FERNANDO GURGEL PIMENTA**, **FRANCISCO SOBREIRA**, **OTACÍLIO LOPES CARDOSO** e

RUBEN G. NUNES. Destes, somente Sobreira não era estreante. Cearense, há tempos radicado em Natal, publicara, em 1972, *A Morte Trágica de Alain Delon*, histórias urbanas, algumas delas de atmosfera kafkiana, e todas com muito de crítica social e sardônico humor.

O idealizador do concurso em referência foi **TARCÍSIO GURGEL**, escritor e jornalista mossoroense, que, alguns anos antes, despontara como grande revelação do conto potiguar, incluído, de saída, na antologia *Contistas Norte-rio-grandenses*, já mencionada.

Ainda na década de 1970, **NEWTON NAVARRO**, uma das mais altas expressões do conto, publicava os seus trabalhos de ficção mais importantes e **EULÍCIO FARIAS DE LACERDA**, paraibano potiguarizado, começava a construir, já na maturidade, e sob influência de Joyce e Guimarães Rosa, a sua admirável obra de romancista, a qual, em termos de qualidade e quantidade, está para o nosso tempo, assim como a de Polycarpo Feitosa está para a primeira metade do século XX.

Novos valores afirmaram-se, por último. No romance & novela: **NEI LEANDRO DE CASTRO**, atingindo culminâncias com o seu humor rabelaisiano, sobre elementos folclóricos (*As Pelejas de Ojuara*); **NILSON PATRIOTA** (*Um Gosto Amargo de Fim*, nas vertentes de Gabriel Garcia Márquez, sem, todavia, deixar de ser ele mesmo); **ALEX NASCIMENTO**, **CARLOS DE SOUZA**, **RUBEN G. NUNES** e **JOÃO BATISTA DE MORAIS NETO**, cultores de uma literatura pós-hippies; **INÁCIO MAGALHÃES DE SENA**, misturando, criativamente, novela picaresca e Realismo Mágico; **JOSÉ NAZARENO MOREIRA DE AGUIAR** e **ELMA LUZIA MOUSINHO**, além de **NILO PEREIRA** e **JOSÉ MELQUIADES**, ensaístas que fizeram experiências ficcionais.

No conto: GERALDO EDSON DE ANDRADE, EDNA DUARTE, SOCORRO TRINDAD, NILO SÉRGIO EMERENCIANO e PEDRO SIMÕES NETO - todos estes, integrantes da antologia *Os Potiguares - I - Contistas*, de Manoel Onofre Jr. (Natal, 1987) (2). E mais: FRANÇOIS SILVESTRE, LUIZ RABELO, BENÉ CHAVES, NELSON PATRIOTA, EMANOEL BARRETO, S. F. GURGEL FILHO, PAULO AUGUSTO, ENOCH DOMINGOS, IAPERI ARAÚJO e AFRÂNIO PIRES LEMOS.

Diante desta constelação de ficcionistas, já não se pode dizer que o Rio Grande do Norte seja uma terra só de poetas...

M. O. J.

Natal, julho de 1995

(1) Veríssimo de Melo - *Patronos e Acadêmicos* - Vol. I - Editora

Pongetti - Rio de Janeiro, 1972 - Pág. 42.

Sobre o ano de lançamento do livro, Câmara Cascudo dá informações divergentes. Em sua *História do Rio Grande do Norte* (MEC - Serviço de Documentação - Rio, 1955) afirma textualmente: "Mistérios de um Homem Rico, 1873, 1874, realmente saiu em 1883 e ignoro se o terceiro tomo foi publicado" (Pág. 512). Já na "acta diurna", datada de 31-01-1959, diz Mestre Cascudo: "... o 1º volume do seu "*Mistérios de um Homem Rico*", Natal, 1872". (*O Livro das Velhas Figuras - Vol. 3 - Edição do Instituto Histórico e Geográfico do RGN - Natal, 1977 - pág. 102*).

(2) Segunda edição revista e ampliada, sob o título *Contistas Potiguares* (Natal: Sebo Vermelho Edições, 2003).

IN LIMINE

1

Este livro compõe-se de pequenos estudos biográficos e críticos, em linguagem acessível, sobre os principais ficcionistas potiguares com livros publicados.

2

Que é um autor potiguar? Por acaso seria, simplesmente, todo aquele que tivesse nascido no Rio Grande do Norte? Não. Potiguar é o escritor que, havendo ou não nascido neste Estado, tem a terra nossa entranhada em sua obra; é o que aqui morou bastante tempo ou mora, e aqui construiu ou vem construindo sua obra.

Dentro destes critérios seria, por exemplo, Nísia Floresta uma escritora norte-rio-grandense?

Cosmopolita, vivendo na Europa boa parte de sua vida, ela escreveu em francês, italiano e... português.

Ninguém contesta o seu sentimento de nativismo, expresso, entre outras "atitudes", no próprio pseudônimo: Nísia Floresta Brasileira Augusta. Floresta - note-se - era o nome do sítio de nascença, nas imediações da antiga Vila de Papari, hoje Cidade de Nísia Floresta (RN). Todavia, sua identificação com o nosso Estado limita-se a essas exterioridades. Nada ou quase nada de potiguar encontra-se em sua obra.

Outros escritores de projeção nacional, nascidos no Rio Grande do Norte, devem ser situados, igualmente, fora da história de nossas letras, como, por exemplo, Peregrino Júnior, o excelente contista de *A Mata Submersa* e tantas outras histórias. Ele fez da Amazônia o seu universo ficcional, e só episodicamente refere-se à terra natal.

A literatura infanto-juvenil será objeto de estudo à parte, enfocando os nomes mais representativos: Camila Cascudo Barreto, Maria Eugênia Montenegro, Salizete Freire Soares e Waldson Pinheiro, entre outros.

NOTA À 2ª EDIÇÃO

Este livro veio a público em 1995, numa pequena edição com o prestigioso selo do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Nesta segunda edição revista e ampliada, manteve o elenco de ficcionistas inicial, acrescentando-lhe dois nomes: Moacyr de Góes e Bartolomeu Correia de Melo, os quais estrearam ainda no século XX, porém após o lançamento da primeira edição deste livro.

Num segundo volume a ser editado, provavelmente, no próximo ano, incluirei vários ficcionistas, da seguinte forma: primeiramente, aqueles que à época da primeira edição deste livro já haviam incursionado pela ficção, mas só se afirmaram depois - Afrânio Pires Lemos, Caio Flávio Fernandes, Carlos Newton Jr., Clotilde Tavares, Dorian Gray Caldas, Emanuel Barreto, Enoch Domingos, Flávio Rezende, Franklin Jorge, Iaperi Araújo, José Humberto Dutra, Lima Neto, Luís Carlos Guimarães, Nelson Patriota, Nivaldete Ferreira, Paulo Augusto e Racine Santos -; em seguida, os novos e os novíssimos: Aldo Lopes, Carlos Fialho, Carlos Lins Onofre, Clauder Arcanjo, Diógenes Carvalho Veras, Edílson Pinto, Figueiredo Rocha, Geraldo Batista, Hudson Paulo da Costa, Jorge Davim, Lenilson Antunes, Mário Gerson, Nilton Lins, Pablo Capistrano, Patrício Júnior, Públio José, Ricardo Luís Lins Guimarães, Rosivaldo Toscano, Thiago de Góis e Ubiratan Queiroz de Oliveira.

M. O. J.

FICCIONISTAS POTIGUARES

POLYCARPO FEITOSA (1869-1955)

Polycarpo Feitosa (pseudônimo de Antonio José de Melo e Souza) é um dos mais importantes romancistas norte-rio-grandenses.

Dr. Souza, figura singular, *doublé* de escritor e político (duas vezes Governador do Rio Grande do Norte, Senador, etc), à medida em que se foi afastando da Política, foi se dedicando mais às Letras. Tinha 61 anos quando publicou o seu primeiro livro - *Flor do Sertão* (Natal: Tipografia de *A República* - 1928). Romance de cunho regionalista, esta obra não se vincula ao Regionalismo Nordeste, movimento que nasceu no mesmo ano em que ela foi lançada.

Com todo o seu talento, Polycarpo Feitosa poderia ter sido um dos expoentes do Romance de 30, ao lado de José Américo, de Rachel de Queiroz, de José Lins do Rego, etc. Mas, extremamente conservador, preferiu continuar fiel aos cânones de um Realismo ultrapassado. Perdeu o bonde da História...

Para que se avalie o quanto ele era refratário às idéias novas, especialmente nas artes, veja-se o seguinte trecho do seu *Diário dum Recolhido*, em que desanca um texto futurista, que transcreve de uma revista carioca de medicina. O diário é de 1926. Quatro anos antes explodira em São Paulo a Semana de Arte Moderna. Ele confessa ter "*idéias de bom senso e de ordem,*

adquiridas numa já bastante longa educação mental que não posso modificar por modas". Algo existe de patético nesta nota. Ele devia saber que o seu tempo era findo. Mas, resistia. E mandava pau nos modernistas tresloucados. Referindo-se ao telegráfico discurso do médico em referência, dizia:

"Valha-nos Deus. Depois da guerra abominável parece que todas as manifestações de desorganização e anarquia, políticas ou econômicas, morais ou familiares, de costumes ou de indumento, são admissíveis, quando não justificáveis; mas essa?"

*"Os literatos inutilizando papel com ejaculações da demência mais caracterizada; os músicos transformando a pauta na canalização dum enxurro de sons mais ou menos **bolchevistas** e **soviéticos**; os pintores borrando tela com triângulos amarelos, quadrados azuis e faixas vermelhas para dar a impressão duma paisagem ou de um interior; os escultores dando a esmo alguns golpes na pedra bruta, com o escopro do calceteiro, menos difícil de manejar, e querendo nos impingir o bloco por estátua, poderão ser temporariamente tolerados, porque afinal de contas só trazem ao mundo o mal da falta de gosto; mas se os médicos levarem o futurismo dos discursos para as receitas, peçamos a Deus saúde". (1)*

Em outro dos seus livros, o romance *Os Moluscos*, manifesta a sua opinião através de um dos personagens:

*"(...) Eu creio que, **ad instar** das formigas, ou os nossos literatos acabam com uns tantos modernismos, ou estes acabarão por levá-los aos hospícios. Ora vocês vêem que há por aí numerosos sujeitos que, pela preocupação de serem **modernos**, não só alienam o bom gosto como o bom senso, e tanto brigam com o passado como com a gramática". (2)*

^ *Flor do Sertão*, o romance de estréia, obteve boa receptividade. Medeiros e Albuquerque, então um dos festejados escritores brasileiros, saudou-o com uma elogiosa nota crítica, na qual afirmou:

“Flor do Sertão é um bom, um ótimo romance. O seu título poderia fazer receiar que nele houvesse algum acesso de pieguismo e xaropadas românticas. Por outro lado, o autor pôs uma advertência preliminar dizendo que só poderia ter paciência para ler-lhe a obra quem ao menos superficialmente conhecesse a simplicidade dos costumes, dos sentimentos e das falas de nossa gente. Mas é um engano. Mesmo sem conhecer nada disso (porque o sertão mais longínquo e bravio que eu conheço é a capital de São Paulo), o livro é encantador”.

(*Jornal do Comércio*, 10 de setembro de 1928 – Transcrição no *Diário de Natal*, 6 de outubro de 1928).

Ainda hoje, lê-se com prazer essa história singela, cuja *pièce de resistance* é a descrição de costumes, tradições e folgedos do sertanejo.

O segundo romance do autor – *Gizinha* (Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil, 1930; 2ª ed., Natal: Fundação José Augusto, 1965; 3ª ed.: Natal: AS Editores, 2003) teve também boa acolhida. Romance de costumes, narra o drama conjugal de Gizinha e Julinho Silveira, com ação em Natal, no tempo das melindrosas. Dois trechos, especialmente, causaram-me forte impressão: o episódio romântico/clandestino, quase adultério, envolvendo a mãe de Gizinha e um rapazote, hóspede da sua casa – páginas dignas de um Machado de Assis – e a excursão ao cume da Serra Caiada, admiravelmente descrita.

• À este livro seguiram-se *Alma Bravia*, romance (Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Apolo, 1934) e *Encontros do Caminho*, contos (Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Apolo, 1936), dos quais não encontrei exemplar em parte alguma, o que é pena, pois, pelo menos o segundo é obra de alta qualidade, a julgar pelo que escreveu a seu respeito o escritor R. Magalhães Jr. (Artigo no *Diário de Notícias* - Rio de Janeiro, 4 de junho de 1957).

Com *Os Moluscos* (Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Renato Americano, 1938), escrito em 1936, Polycarpo Feitosa mostra-se em plena forma, embora já contasse 71 anos de idade. Romance nitidamente realista, sua ação transcorre em Natal, logo após a revolução de 30. Percebe-se nele a influência de Eça de Queiroz, especialmente o Eça de *O Primo Basílio*.

O último romance do autor - *Gente Arrancada* (Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Friedrich Fuchs, 1941) é a saga de uma família de retirantes; lê-se com satisfação, mas não desperta tanto interesse quanto o romance de estréia, também ambientado no sertão.

Da biografia do autor constam, ainda, os seguintes títulos: *Jornal de Vila*, poesias (Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Sffreddo & Gravina Ltda, 1939) e *Dois Recifes*, memórias (Recife: Imprensa Industrial, 1945), além das plaquetes: *Questão de Limites com o Estado do Ceará* (Natal: Empresa de A República, 1902); *Explicações Elementares sobre a Constituição Política do Rio Grande do Norte* (Natal: Tipografia de A República, 1909); *A Margem duma Conferência* (Natal: Tipografia de A República, 1916); *Discurso de Paraninfo da Primeira Turma de Professores da Escola Normal de Mossoró* (Natal: Empresa Tipográfica Natalense Ltda., 1925); *Dom Pedro II*, conferência pronunciada no Colégio Pedro II, de Ceará-

-Mirim (Natal: Tipografia J. Pinto & Cia., 1926).

Postumamente, duas obras inacabadas foram reunidas em livro, sob o título *Quase Romance... Quase Memória...* (Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1969 - Organização e introdução de Manuel Rodrigues de Melo). O "quase romance" denomina-se *No Tempo da República*. Há nele muito de memórias. Nos personagens Paulo Júnior e A. Benévolo pode-se identificar as figuras de Pedro Velho e Augusto Severo.

Quase Memória é o *Diário dum Recolhido*. A destacar: impressões sobre José Augusto - que sucedeu o autor no Governo do Estado -, Eloy de Souza e outros vultos; considerações sobre a vida na fazenda do sertão, onde o *recolhido* costumava invernar; a sua paixão pela caça, que justifica como esporte saudável; as investidas contra os *futuristas*; outros assuntos.

Não devo encerrar estas notas sobre a obra literária de Polycarpo Feitosa sem antes observar que ele tinha as suas excentricidades não só na conduta pessoal, como também na própria escrita. Por exemplo: escrevia *brasilez* em vez de brasileiro. E, embora tenha se expressado, sempre, em termos simples e claros, costumava usar, de vez em quando, a palavra *obnoxio*.

O LADO HUMANO

Riquelme

de 30

~~1926 - Almo Br~~

1928 - Fênix de auto

1930 - Gigante

1937 - Almo Bravia

1938 - Os Molinos

1943 - Guri o menino do

Num excelente retrato (três por quatro) em *Nosso Amigo Castriciano*, Câmara Cascudo diz:

“Dr. Souza (...) foi uma das criaturas mais sugestivas, cultas e típicas com quem privei. Alto, pálido, míope, surdo, solteirão, com esplêndida biblioteca, lendo em vários idiomas, irônico, desiludido de promessas e incrédulo dos milagres, com aquele ciúme vigilante dos Ministros do Império pelos dinheiros públicos, inimigo de pilhérias e familiaridades, cortês, cerimonioso, era uma exceção polida e grave no cenário tropical da cidade”. (3)

Meu avô materno, João Vicente da Costa, conviveu com o Dr. Souza. No segundo período governamental deste, foi seu Oficial de Gabinete e, na qualidade de Deputado Estadual, líder do Governo na Assembleia Legislativa. Considerava-o um dos homens mais dignos que conheceu.

SÍNTESE BIOGRÁFICA

1867 - Dezembro - 24 - Nasce no Engenho Capió, Vila de Papari, (RN) (atual Nísia Floresta) Antonio José de Melo e Souza, primeiro filho do Tenente-Coronel (da Guarda Nacional) Antonio José de Melo e Souza e D. Maria Emília Seabra de Melo e Souza. O pai, senhor de engenho, fazendeiro e chefe do Partido Conservador, presidente da Câmara Municipal de Papari.

1876 - Com oito anos, Antonio José já mostra inclinação para as Letras, declama versos em voga. "... a *Bodarrada* de Luiz Gama, que me valeu vários agradáveis tostões: quando na *casa da rua* apareciam visitas de mais consideração, ou íamos nós em visita a casas em que havia moças, meu pai, com uma pontinha de vaidade que nenhum pai censuraria, mandava-me recitar *A Bodarrada* e eu, três quartos enfiado mas um tanto quanto entusiasmado, começava pelo que vira no *Correio do Recife*". (4)

- Primeiras leituras: *Contos de Fadas* (*A Bela Adormecida no Bosque, A Borracheira, Chapeuzinho Vermelho*), *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre e *O Poeta da Rainha*, de Clemence Robert, biografia romanceada de Shakespeare.

- Vai estudar no Recife, onde deverá continuar o Primário, hospedado na casa do tio e padrinho Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto, professor da Faculdade de Direito.

- Aluno do Colégio São Tomás de Aquino, por alguns dias, apenas.

- Nos últimos dias de dezembro está no Rio de Janeiro, acompanhando o padrinho.

1877 - No Rio freqüentou três estabelecimentos de ensino, um dos quais o Colégio São Salvador.

- No fim do ano volta ao Recife, em companhia do padrinho.

1878 – Interno no Ginásio Pernambucano (Recife), por alguns meses, ficando *habilitado* nas primeiras letras.

1879 – No Colégio 2 de Dezembro (Recife), “então já estudante (ou vadiante) de português, com a gramática de Sotero dos Reis e o Camões formidável para a análise, e do primeiro ano de latim com a *artezinha* do P. Pereira, e um *Epitome Historiae Sacrae*, creio que de Roquette, latinzinho amável, quase sempre em boa ordem gramatical, que nem fazia prever o temeroso Horácio das Odes no terceiro”. (5)

1881 – Interno do Colégio 7 de Setembro (Recife). Ali passou quatro anos, de 1881 a 1884, “apanhando no primeiro uns bolos de palmatória por proeza de que não me lembro, tendo nos dois seguintes punições, cafuas, privações já referidas, e no último a honra de receber em plena banca o recado do diretor, quando alguma vez faltavam o lente de português ou o professor da aula primária:

– Dr. Barbosa mandou dizer que (...) fosse tomar conta da aula primária (ou dar a aula de português, conforme o caso)”. (6)

– Leituras no Colégio: *Iracema* e *O Guarani*, de José de Alencar, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, “algum *Montépin* e umas partes do *Rocamboles*, de Ponson”. E mais: Júlio Verne no original, *A Ciropédia*, de Xenofonte, *A Conjuração de Catilina*, de Cícero, *Macbeth*, de Shakespeare, *Mariage de Figaro*, de Beaumarchais e poesias: Castro Alves, Fagundes Varela, Victor Hugo, Musset.

1883 – Colabora no jornalzinho estudantil, manuscrito, *O Republicano*, dirigido por um seu colega, Laurentino Victoriano de Borba Cavalcanti.

*“Embora nele colaborasse, o jornal de Borba não me satisfazia, e o estímulo (ou vaidade) levou-me a fazer um meu... Teve o título pretensioso de **A Idéia** e a audácia de encher uma folha inteira de almaço, também riscado a duas colunas, com rodapé para folhetim e artigo de fundo carrancudo”. (7)*

1884 – Passa a colaborar no *Tentamen*, jornalzinho estudantil, este impresso, órgão do *Comício Literário*. (8)

– Dezembro. Conclui o curso colegial.

1885 – Ingressa na Faculdade de Direito do Recife, a tradicional Academia, então dirigida por Silveira de Souza, com lentes da estatura de Tobias Barreto, de José Hygino, de Seabra, de João Vieira, etc.

– Apesar de calouro, costuma, como tantos outros colegas, assistir às aulas do Mestre Tobias Barreto, no terceiro ano.

– Gervásio Fioravanti, colega de turma e de *Comício*, é um dos seus melhores amigos.

– Na Biblioteca Provincial, que costuma frequentar, *“só não pedia livros de Direito, que aliás (...) o dr. Bráulio tinha muitos e bons, mas lia livros de Tyndall sobre física, de Lubbock sobre história natural, de Topinard sobre antropologia, e sobretudo livros de viagens, pelos quais tinha um fraco desde... os romances de Júlio Verne”*. (9)

1886 - Muda-se da casa do padrinho para um cômodo da residência de um primo seu, na rua 1º de Março. O padrinho volta à Corte no desempenho do mandato de deputado à Assembléia Geral.

1889 - Forma-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife.

1890 - Entra no exercício do cargo de Promotor Público da Comarca de Goianinha (RN).

1892 - Deixa a Promotoria de Goianinha, passando a exercer as funções de Diretor da Instrução Pública do Estado do Rio Grande do Norte (Nelas permanecerá até 1º de abril de 1895).

- Eleito Deputado Estadual (triênio 1892 - 94).

1895 - Abril - 2 - Nomeado Procurador da República, Seção do Rio Grande do Norte, cargo que exercerá até 2 de abril de 1899.

1899 - Maio - Secretário do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

1900 - Procurador Geral do Estado do Rio Grande do Norte.

1902 - Publica *Questão de Limites com o Estado do Ceará* (Natal: Empresa de A República).

1906 - Dezembro - 9 - Eleito Governador do Rio Grande do Norte, para completar o quadriênio, em face da renúncia do Governador Augusto Tavares de Lyra.

1907 - Fevereiro - 23 - Assume o Governo do Estado.

1908 - Março - 25 - Deixa o Governo do Estado.

- Setembro - 1º - Eleito Senador, na vaga de Pedro Velho.

1909 - Publica *Explicações Elementares sobre a Constituição Política do Rio Grande do Norte* (Natal: Tipografia de A República).

1915 - Reeleito Senador.

1916 - Publica *À Margem duma Conferência* (Natal: Tipografia de A República).

1920 - Janeiro - 1º - Assume o cargo de Governador do Estado do Rio Grande do Norte, para o qual foi eleito pela segunda vez.

1924 - Janeiro - 1º - terminado o quadriênio, deixa o Governo do Estado. (10).

1925 - Publica o *Discurso de Paraninfo da Primeira Turma de Professores da Escola Normal de Mossoró* (Natal: Empresa Tipográfica Natalense Ltda.).

1926 - Publica *Dom Pedro II* - Conferência pronunciada no Colégio Pedro II de Ceará-Mirim (Natal: Tipografia J. Pinto & Cia).

1928 - Lançamento do romance *Flor do Sertão* (Natal: Tipografia de A República).

- Setembro - 16 - Nota Crítica de Medeiros e Albuquerque, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, sobre *Flor do Sertão*.

1930 - Lançamento do romance *Gizinha* (Rio de Janeiro: Tipografia do Anuário do Brasil).

- Setembro - 10 - Resenha crítica de João Ribeiro, no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, sobre *Gizinha*.

1931 - Agosto - 9 - Na qualidade de Secretário Geral do Estado, substituto do Interventor Federal, assume o Governo. Ficará no exercício do cargo de Interventor até 11 de outubro.

1932 - Janeiro - 29 - Em virtude da renúncia do Interventor Federal, assume o Governo, permanecendo no cargo de Interventor até 2 de fevereiro.

- Nova substituição de 5 de fevereiro a 10 de junho.

1934 - Janeiro - 23 - De novo ascende à chefia do Governo como substituto legal. Permanecerá no cargo até 6 de março.

- Novas substituições de 8 a 17 de outubro, e de 19 a 28 de novembro.

- Publica *Alma Bravia (História do Nordeste Antigo)*, romance (Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Apolo).

1935 - Substitui, novamente, o Interventor, de 9 a 23 de janeiro, e de 2 de fevereiro a 1º de março.

- Agosto - Aposenta-se no cargo de Consultor Jurídico do Estado, para o qual fora nomeado após o seu segundo período governamental.

1936 - Publica *Encontros do Caminho*, contos (Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Apolo).

1938 - Publica *Os Moluscos*, romance (Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Renato Americano).

1939 - Publica *Jornal de Vila*, poemas (Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Sffreddo & Gravina Ltda.).

1941 - Publica *Gente Arrancada*, romance (Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Friedrich Fuchs).

1944 - Volta a residir no Recife, "em busca de saúde".

1945 - Publica "DOIS RECIFES com sessenta anos no meio", memórias (Recife: Imprensa Industrial).

1946 - Setembro - 1º - Concede entrevista (de má vontade) ao Diário de Pernambuco. Evoca os bons tempos de estudante no Recife, mas não tem a menor saudade do tempo de governança. "Coisa suja essa história de política". Afirma estar escrevendo uns versos, sem maiores pretensões, e diz ter um trabalho que não pôde publicar no tempo do Estado Novo, com medo do Tribunal de Segurança. "Com uma breve revisão ficará pronto para o prelo". Que fim levou esse trabalho?

1955 - Julho - 5 - Falece no Recife, onde morava em companhia de uma irmã.

- O -

ANTOLOGIA DE BOLSO

O estilo descritivo atinge ponto alto no capítulo VIII do romance *Gizinha*, que narra uma excursão à Serra Caiada.

Vejam como a serra é descrita:

“Do lado do nascente, a serra, inteiramente isolada é precedida por uma depressão de terreno que parece aumentar a sua modesta altura de cerca de quatrocentos metros. A parte mais alta, na mesma direção, mostra a calvície adusta do granito, mas a oposta é coberta de vegetação áspera, no meio da qual se destacam as palmas farfalhantes dos catolés.

Olhada do norte e do sul, ela aparenta a figura de um felino agachado, a cabeça erguida como uma esfinge a contemplar, eternamente imóvel, a caatinga subjacente, e a fitar, desde inumeráveis séculos, o nascer do sol de cada dia. Vista do levante, a parte granítica, mais larga, encobre a vegetação posterior, e o aspecto é o de uma coroa de três cúpulas arredondadas, toda de pedra, com raras anfractuosidades nos declives, onde um punhado de terra acumulada pelo vento de milhares de anos dá vida a pequeninas touceiras de cinchos amarelos, como ornatos de ouro.

Ao longe esses minúsculos acidentes são quase imperceptíveis, e quando ao nascer do sol a luz incide sobre a rocha clara, dá a impressão de brancura que, provavelmente, sugeriu ao primeiro observador, vindo do "agreste" àquela hora, a idéia de uma superfície caiada. Daí lhe deve ter vindo o batismo.

De perto, vista do sopé, o inextricável caos de grandes blocos contíguos ou sobrepostos, em torno dos quais os mandacarus, catolés, espinheiros, juremas e mororós surgem e crescem viçosos pela frescura que as raízes encontram embaixo deles, lembra ruínas de colossais monumentos, ali disseminadas por ignotas convulsões da terra.

E no meio daquela formidável desordem, a sugestão dominante é a de duração, de imutabilidade, de eternidade. Contemplando aquelas pedras, sente-se inexorável a insignificância de uma existência humana comparada com a delas: passaram e hão de passar inumeráveis gerações, miríades de homens nascerão, sofrerão e morrerão antes que seja apreciável a ação do tempo sobre a robustez granítica. Desde tantos séculos que sobre elas incide, a força modificadora do sol e das chuvas apenas conseguiu subdividir algumas em blocos menores, o pó soprado pelos ventos poliu-lhes as arestas expostas, mas o conjunto gigantesco da serra ali está inabalável e sereno, como se fosse eterno" (3ª ed., págs. 132/134).

Os excursionistas sobem a serra.

“Afinal, aproveitando as menores saliências da rocha para pontos de apoio, conseguiram atingir o cume sem acidentes, bufando, vermelhos, ofegantes, com os cotovelos e joelhos escorchados, mas Castro, pelo menos, contentíssimo.

- Não vale a pena - diz Julinho, levantando-se e sacudindo a roupa amarrotada.

- Não diga isso - contestou Castro, que também já em pé contemplava embevecido a imensa paisagem. - Olhe para aquilo - acrescentou, com o braço estendido e girando sobre os pés para indicar o vasto círculo do horizonte. - Que é que pode pagar isto?

Gizinha olhava também, cansada, respirando pela boca entreaberta, amparando-se em um grupo de pedras justapostas para resistir ao vento, sempre forte ali, e prendendo resolutamente entre os joelhos a fímbria do vestido, mas encantada pela grandeza do panorama.

Na direção de sudeste, o grupo branco das casas da povoação parecia uma Belém de presépio, na qual apenas se destacava a fachada da capelinha sem torre, voltada para o poente.

Aqui e ali se distinguíam as fazendas de criação pela mancha mais clara da vegetação dos pátios; os roçados circunscritos por linhas escuras, que eram as cercas em torno do tapete verde dos milhos; as lagoas, do lado do nascente, brilhando ao sol como folhas de vidro, e as outras, sem a incidência dos raios luminosos, parecendo azuladas como fragmentos de oceano, perdidos no meio da vegetação.

No quadrante noroeste, por cima do dorso da serra, eriçado de mandacarus e catolés, avistam-se distantes, de um azul doce, levemente velado àquela hora por nevoeiro tênue, as

serras Potengi, todas mosqueadas de manchas alvacentas das rochas.

Disseminadas na vastidão do campo, as casinhas de lavradores dificilmente se distinguíam, menos pela distância que pela cor avermelhada das telhas e das paredes de taipa sem reboco nem cal, pouco perceptíveis no inverno, quando o bambural e o mata-pasto lhes cobrem os pequenos terreiros da frente.

Castro não cansava de reclamar a atenção do amigo para um ou outro aspecto do imenso panorama, mas Julinho, que conseguira, depois de largo consumo de fósforo e agachado atrás de uma pedra, acender um cigarro, fumava displicente, como se achasse aquele entusiasmo simplesmente literário. Quanto aos rapazes, Oliveira e Rosendo, que já várias vezes ali haviam estado com outros camaradas da povoação, ou com estranhos curiosos da escalada, quase se limitavam a contemplar Gizinha, cujo rosto avermelhado pelo esforço da subida e pelo sol ainda lhes parecia mais lindo.

Soprada de rijo pelo vento que, ora de um lado, ora de outro, lhe enrolava o vestido em torno do corpo, moldando-o sem cerimônia e com verdade, ela parecia uma admirável estátua da juventude vitoriosa, erguida no grandioso pedestal da serra para reinar sobre a natureza inteira" (3ª ed., págs. 136/138).

NOTAS

(1) Ver *Estudos Norte-rio-grandenses*, de Manoel Onofre Jr. (Natal: Fundação José Augusto, 1978 – págs. 96 e 97).

(2) *Os Moluscos* (Rio de Janeiro: Oficina Gráfica Renato Americano, 1938 – Pág. 241).

(3) *Nosso Amigo Castriciano* (Recife: Imprensa Universitária, 1965 – pág. 82).

(4) *Dois Recifes* (Recife: Imprensa Industrial, 1945 – pág. 203).

(5) *Dois Recifes* (Recife: Imprensa Industrial, 1945 – pág. 34).

(6) *Dois Recifes* (Recife: Imprensa Industrial, 1945 – pág. 36).

(7) *Dois Recifes* (Recife: Imprensa Industrial, 1945 – pág. 104).

(8) Manoel Rodrigues de Melo informa que Antonio de Souza colaborou nos seguintes jornais e revistas de sua província: *Gazeta do Natal*, *A República*, *O Lavrador*, *Diário de Natal*, *Revista do Rio Grande do Norte*, *Almanaque do Rio Grande do Norte* e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, “além de outros de reduzida e esporádica publicação” (*Quase Romance... Quase Memória... – Natal: Imprensa Oficial/RN, 1969 – pág. 11*).

(9) *Dois Recifes* (Recife: Imprensa Industrial, 1945 – pág. 123).

(10) Em seu livro *Governo do Rio Grande do Norte*, o historiador Luis da Câmara Cascudo faz uma síntese das principais realizações do Governador Antonio de Souza. Diz o mestre Cascudo:

“Criou a Escola Normal de Mossoró, dec. N° 165, de 19 de janeiro de 1922, instalada a 2 de março do mesmo ano e equiparada a de Natal pelo dec. N° 698, de 16 de julho de 1934 (Interventor Mário Câmara), a Escola Profissional do Alecrim (24 de abril de 1922) com cursos de serralheria, marcenaria, sapataria e funilaria, a Escola de Farmácia de Natal, pela lei n° 498, de 2 de dezembro de 1920 e o primeiro Grupo Escolar do Estado, Augusto Severo, inaugurando a 12 de junho de 1908, mas criado pelo dec. n° 174, de 5 de março de 1908. Em ambas as administrações interessou-se intensamente pela educação e saúde pública, imprimindo um desenvolvimento notável a esses dois departamentos. Criou a Diretoria Geral de Agricultura e Obras Públicas, pela lei 568, de 1° de dezembro de 1923. Suas Mensagens são modelo de nitidez, coragem e fidelidade ao ambiente real, sem retórica e disfarces. Como Governador do Estado durante as eleições presidenciais em que saiu eleito o dr. Artur da Silva Bernardes, pleito disputadíssimo, manteve a mais absoluta imparcialidade e foi talvez o único chefe de governo que não influiu e não teve candidatos. São de louvar suas idéias sobre o problema agrário, corporativo, educacional expostas nas Mensagens, documentos formalmente diversos da literatura convencional desse gênero inútil de promessas e explicações e promessas oficiais (...).

Festejou condignamente o centenário da Independência Nacional inaugurando a estátua na praça Sete de Setembro e prestigiando a Semana da Pátria que foi imponente. Elevou a vila as povoações de Parelhas (lei n° 478, de 26 de novembro de 1920) e a de Barriguda com o nome de Alexandria (lei n° 572, de 3 de dezembro de 1923) e a cidade a vila de Lages (lei n° 572, de 3 de dezembro de 1923).

Durante a sua segunda administração, cinco rapazes do Grupo de Escoteiros Andantes saíram de Natal a 14 de janeiro e foram a pé a S. Paulo, onde chegaram, festivamente recepcionados a 2 de setembro de 1923. Foram eles José Alves Pessoa, Umberto Lustoza da Câmara, Aguinaldo de Vasconcelos, Henrique Borges e Antonio Gonzaga. Doze pescadores, movidos de igual sentimento, realizaram um

raid brilhante, em três botes de pesca, de Natal ao Rio de Janeiro, de 28 de agosto a 18 de setembro de 1922.

O elogio do Dr. Antonio de Souza está na verdade integral destes períodos com que se despediu dos deputados estaduais (Mensagem de 1º de novembro de 1923):

Nunca um magistrado recebeu pedidos da administração nem mesmo quando interesses do Estado se debatiam; nunca um professor foi nomeado ou removido por exigência ou solicitação de políticos; nunca o serviço de arrecadação das rendas esteve sujeito a conveniências ou influências dessa espécie. Por isso algum dissabor deve ter havido, mas os funcionários estavam seguros e os serviços se faziam com desassombro”.

(Governo do Rio Grande do Norte – Natal: Livraria Cosmopolita – F. Aranha, 1939 – págs. 70 e 71).

Vale dizer, ainda sobre o Governador Antonio de Souza, que ele custeou os estudos, no Rio de Janeiro, do compositor e violonista potiguar Henrique Brito, que se notabilizou como integrante do *Bando de Tangarás*, ao lado de Noel Rosa, Almirante, João de Barro e Alvinho. (Ver *Noel Rosa – Uma Biografia*, de João Máximo e Carlos Didier – Brasília: Editora Universidade de Brasília / Linha Gráfica Editora, 1990 – pág. 103).

NOTA FINAL

A síntese biográfica foi feita com base em dados colhidos em três livros: *Governo do Rio Grande do Norte*, de Luís da Câmara Cascudo; *Dois Recifes*, de Polycarpo Feitosa e *Quase Romance... Quase Memória...*, de Polycarpo Feitosa (Organização e introdução de Manoel Rodrigues de Melo).